

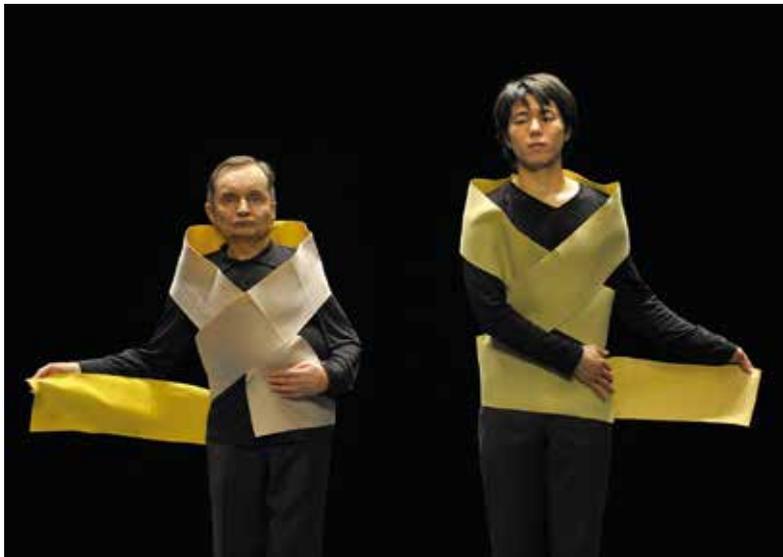
Dança
27, 28 de setembro 2013

Pas de Deux

de Raimund Hoghe

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceito e coreografia Raimund Hoghe **Com** Raimund Hoghe e Takashi Ueno **Colaboração artística** Luca Giacomo Schulte **Cenografia** Raimund Hoghe **Luz** Raimund Hoghe, Arno Truschinski **Som** Frank Sträker **Fotografia** Rosa Frank **Administração/Difusão** Zvonimir Dobrovic **Gestão da digressão** Isabella Di Cola **Produção** Companhia Raimund Hoghe (Düsseldorf/Paris) **Coprodução** Theater Im Pumpenhaus (Münster); Théâtre Garonne (Toulouse); Féstival d'Automne à Paris **Com o apoio de** Kulturamt der Landeshauptstadt Düsseldorf; Ministerium für Familie, Kinder, Jugend, Kultur und Sport des Landes NRW; Fiaf Crossinf The Line (Nova Iorque); The Baryshnikov Arts Centre (Nova Iorque); Fondation d'Entreprise Hermés; Montpellier Danse, Résidence à L'Agora, Cité Internatinal de la Danse · Estreado em 2011

Esta apresentação insere-se numa colaboração entre a Culturgest, o São Luiz Teatro Municipal, o Goethe-Institut e o Festival Materiais Diversos, no âmbito dos 20 anos de carreira coreográfica de Raimund Hoghe, para apresentação, em Lisboa e Torres Novas, de três espetáculos deste coreógrafo e de um livro sobre a sua obra.

Sex 27, sáb 28 de setembro
21h30 · Grande Auditório · Duração: 2h · M12

O ponto de partida de *Pas de Deux* foi o encontro com o bailarino Takashi Ueno, durante os ensaios de *Si je meurs laissez le balcon ouvert*. Ele chegou bastante tarde ao projeto, teve muito pouco tempo de ensaios. Mas eu fiquei muito surpreendido e cheio de admiração pela forma como ele se adaptou e com a quantidade de possibilidades que abriu. Isso fez-me ter muita vontade de trabalhar com ele num dueto. E foi assim que apareceu a ideia de um *pas de deux*. Em alemão *pas de deux* diz-se *schlitte für zwei*, que, traduzido literalmente, dá 'passo para dois'. Gosto desta ideia de um passo para dois.

Na dança clássica, o *pas de deux* é associado normalmente a um par homem mulher. Mas existem *pas de deux* muito belos entre dois homens ou duas mulheres – como os de Dominique Bagouet, que usa muitas vezes esta forma clássica com duas mulheres; mas não há cambiantes sensuais no seu trabalho, é muito depurado.

Neste *Pas de Deux*, não me interessa de todo a sexualidade e o travestismo. Não se trata de uma história de amor homossexual, mas verdadeiramente de um *pas de deux*. Se somos dois homens é antes de mais para jogarmos com um largo espectro de semelhanças e diferenças. O Takashi e eu somos dois bailarinos muito diferentes, com formações e bases pessoais e culturais muito diferentes. Ele vem do Japão, eu sou europeu. Ele é jovem, eu sou mais velho. Para mim, são essas diferenças que permitem abrir um espaço imaginário: duas pessoas dão um passo juntas, caminham juntas, como iguais; um

consegue fazer coisas que o outro não consegue mas, mesmo assim, tentam estabelecer um diálogo. Com este título, questiono a forma do dueto enquanto tal. Tento ver que possibilidades emergem desta estrutura. O que me interessa é o desdobramento, o jogo de espelhos, o leque de diferenças. O que é próximo e o que é longínquo. O que é semelhante e o que não tem semelhança. Duas pessoas percorrendo um caminho juntas e expondo as suas diferenças. Também gosto da ideia de que tudo começa pela pele. É uma coisa concreta, uma textura, uma superfície. Quero expor em cena esta realidade, esta textura dos corpos, dos ombros, das mãos...

Raimund Hoghe em testemunho recolhido por Gilles Amalvi para o Festival d'Automne à Paris

Pier Paolo Pasolini escreveu sobre lançar o corpo na luta. As suas palavras inspiraram-me para subir ao palco. As minhas outras fontes de inspiração foram a realidade à minha volta, o tempo em que vivo, as minhas memórias da história, as pessoas, as imagens, os sentimentos, e o poder e a beleza da música, além do confronto com o próprio corpo que, no meu caso, não corresponde aos ideais convencionais de beleza. É importante ver corpos em cena que não correspondem à norma – não só por razões históricas, mas também por causa dos desenvolvimentos atuais que estão a conduzir os seres humanos para um estatuto de objetos de

design. Quanto ao sucesso: o importante é podermos trabalhar e seguir o nosso caminho – com ou sem sucesso. O que faço é, simplesmente, o que tenho que fazer.

Raimund Hoghe



© Rosa-Frank.com

Raimund Hoghe teve a sublime intuição de começar pela pele. E, para tanto, não precisou de desnudar os corpos. Uma manga arregaçada foi-lhe suficiente para assinar uma das mais belas entradas em cena da história da dança contemporânea.

Takashi Ueno caminha lentamente para o fundo de cena, deixa escorrer água sobre o antebraço nu, e o contacto da água com este bocado de pele, anódino à primeira vista, produz um efeito enorme que vai de par com a simplicidade do gesto. Temos a experiência de algo muito concreto, uma textura, uma superfície, um fragmento de pele particular, tocado ao de leve pela água que escorre. Há toque, carícia, e o palco vazio vibra já com a doçura deste primeiro contacto.

[...]

Raimund Hoghe entra em cena com um guarda-chuva japonês. Este adereço instala um jogo de complementaridade entre os dois protagonistas. Sob o mesmo guarda-chuva, partilharão um ‘passo para dois’ – tradução literal do alemão para *pas de deux* – que os leva até à boca de cena. É assim estabelecido o teor da peça.

[...]

O coreógrafo declara que não quis contar uma história de amor homossexual. O seu objetivo é mais simples: *duas pessoas dão um passo em conjunto, caminham juntas, em igualdade, vão ao encontro uma da outra com tudo o que as constitui como indivíduos – a sua história, a sua cultura, as suas singularidades. Não reconheceremos aqui momentos célebres da história da*

dança, a pesquisa de Raimund Hoghe centra-se no micro acontecimento, nos olhares, nas palmas das mãos hesitantes que não ousam ainda tocar-se, nos transportes furtivos e nas carícias sublimadas que chegam a fazer um corpo desposar a deformidade do outro.

[...]

O tempo estende-se, por vezes suspenso na tensão dos corpos que se sentem, dos braços que se buscam através de pequenos gestos dos dedos de uma grande delicadeza e de uma terrível doçura, em que todo o ser parece concentrado, como no momento da libação inicial. Por vezes, ainda, o tempo suspende-se em equilíbrios de cortar a respiração e é retomado em rodopios de uma beleza infinita.

Takashi Ueno é um bailarino magnífico que desenvolve a sua arte com grande doçura e contenção – uma presença de uma densidade extraordinária, atravessada por fulgores inesperados, entre a abstração virtuosa e a lânguida sedução.

Como sempre nas peças de Raimund Hoghe, o palco despojado transborda de energia. [...]

Smaranda Olcèse-Trifan, *Paris-Art.com*



© Rosa-Frank.com

[...] A música tem um papel crucial na peça, dando complexidade aos mais simples movimentos. Uma área da Cantata *Grabmusik, K.42*, de Mozart, ouve-se ao longe enquanto Ueno se dirige para o fundo de cena. Caminha devagar e cautelosamente, em parte porque vem de *geta* – as sandálias japonesas tradicionais que tornam mais alto quem as usa por meio de duas placas de madeira paralelas – e em parte porque ele vai deixando escorrer líquido de uma chávena sobre o seu braço esquerdo. Quando passa pelas luzes laterais, os dedos brilham como diamantes e deixa um rasto de gotas que parecem nunca mais secar. Hoghe entra um pouco depois, vindo do lado oposto, também de *geta*. Traz um guarda-chuva. Quando se encontram no fundo de cena, pensamos na pequena cascata a cair sobre o guarda-chuva. Mas isso não acontece.

Em *Pas de Deux* os performers raramente se tocam, embora algumas vezes deem as mãos ou recostem os torsos temporariamente despidos um contra o outro. Ueno eleva Hoghe várias vezes de formas de certo modo desastradas e não belas (um aceno ao *pas de deux* clássico). Mais frequentemente, a ligação entre eles é estabelecida através de tecidos ou simplesmente do ar. Embrulham-se em faixas como *obi* japonesas e usam-nas para se prenderem um ao outro. Cada um levanta à vez os braços do parceiro, puxando pelas mangas da sua camisa à altura do cotovelo, ou fá-lo pôr-se nas pontas dos pés, puxando-o pelo colarinho (*Rhapsody in Blue*, de Gershwin, num crescendo de

fervor, em contraste com a serenidade da ação). Os dois correm à volta da cena e encontram-se no centro com um pequeno salto; levantam o braço direito como se fossem bater as mãos abertas um no outro, ao modo de uma dança popular, mas não chegam a tocar-se.

Há um lado de humor nesta relação. Ueno, sorridente, corre e salta em círculos consecutivos, ocasionalmente parando e olhando interrogativamente para Hoghe, que está no centro, afável, mas fazendo gestos pequenos e bruscos para indicar a Ueno que continue. Em dado momento, Ueno enrola uma faixa larga em volta da cintura, ata-a e sai dela com um passo. Hoghe agarra-a, coloca-a sobre a cabeça e anda pelo palco segurando uma flor de pé comprido como se fosse uma cigareira. Isto enquanto Audrey Hepburn canta *Moon River*, seguida de Judy Garland com *I Love Paris*.

Algumas das cenas mais simples estão repletas de possíveis significados. Quando estão juntos, Ueno ligeiramente atrás de Hoghe, e cada um deles move um braço numa trajetória individual, fluida, imagino que estão a escrever alguma coisa no ar; se sim, são as mesmas palavras, repetidamente. Esses gestos sensíveis repetidos muitas vezes lembram plantas trepadeiras. Essa imagem ecoa muito mais tarde, quando se fala das bombas atômicas lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki, e uma suave voz feminina diz que, por uma razão química, no vigésimo dia depois da explosão, as plantas começaram a florir ao mesmo tempo que as pessoas morriam devido às radiações (pouco

tempo depois de ouvirmos as terríveis explosões, uma passagem da sinfonia *Ressureição*, de Mahler, parece que ao mesmo tempo nos questiona e nos apazigua).

[...]

Hoghe e Ueno são ambos *performers* maravilhosamente sensíveis, mestres das sutilezas do gesto. Mas as suas diferenças também são fascinantes. Ueno não tem tensões desnecessárias. Por vezes está tão profundamente imbuído na música que parece quase sonâmbulo. Hoghe está sempre alerta como um pássaro, à espera, vigilante, carregado de energia na sua quietude.

Deborah Jowitt,
artsjournal.com, 14.10.2012



© Rosa-Frank.com

Raimund Hogue

Raimund Hogue nasceu em Wuppertal. Começou a sua carreira a escrever, para o semanário alemão *Die Zeit*, retratos de personagens estranhos e celebridades, que posteriormente foram compilados em vários livros. Entre 1980 e 1990 foi dramaturgo do Tanztheater Wuppertal, de Pina Bausch, o que veio igualmente a dar origem a mais dois livros. Desde 1990 que cria as suas próprias peças e desde 1992 que mantém colaboração com o artista visual Luca Giacomo Schulte. Em 1994 criou o primeiro solo para si próprio, *Meinwärts* (na Culturgest em 1997), que, juntamente com os subsequentes *Chambre séparée* (1997) e *Another Dream* (2000) constitui uma trilogia sobre o século vinte. Entre as suas criações seguintes, podem citar-se *Sarah, Vincent et moi* (2002), *Young People, Old Voices* (2002), na Culturgest em 2006, *Tanzgeschichten* (2003), *Sacre – The Rite of Spring* (2004), *Swan Lake, 4 Acts* (2005), na Culturgest em 2011, *36, Avenue Georges Mandel* (2007), *Boléro Variations* (2007), *L'Après-midi* (2008), *Sans-titre* (2009) e *Si je meurs laissez le balcon ouvert* (2010), na Culturgest em 2011. Paralelamente ao seu percurso cénico, Raimund Hoghe tem trabalhado para televisão. Em 1997, para a televisão da Alemanha Ocidental, encena *Der Buckel*, um autorretrato de 60 minutos. Recebeu o *Deutscher Produzentenpreis für Choreografie* (Prémio de Coreografia dos Produtores Alemães), em 2001, o Prémio da crítica francesa, em 2006, com *Swan Lake, 4 Acts*, na categoria de Melhor Espetáculo

Estrangeiro e, no ano 2008, os críticos da revista *Ballet-tanz* consagraram-no Bailarino do Ano.

Takashi Ueno

Takashi Ueno nasceu em 1981, no Japão. Começou a estudar dança moderna aos 14 anos com Misako Nanbu. Em 2004 parte para Paris com uma bolsa de dois anos do governo japonês. Estuda dança clássica, dança contemporânea e dança africana. Trabalha com diversos coreógrafos, como Paco Decina, Kimihiro Hulbert, Saiko Kino e Raimund Hoghe.

Aniversário



Dança / Teatro / Música

Sex 4, sáb 5, dom 6 de outubro

Vários locais da Culturgest · 19h-24h · M16

Das 19h às 20h · Dança

Mais Pra Menos Que Pra Mais
(trabalho em progresso)

de vera mantero & convidados

Das 19h às 19h40 · Teatro

Interpretação

(trabalho em progresso)

de Jacinto Lucas Pires

e Tiago Rodrigues (Mundo Perfeito)

Das 19h50 às 20h05

(só sábado e domingo) · **Música**

Promenade (2007) de Filipe Esteves

The Panic Flirt (2013) de Alexandre Delgado · Solistas da Orchestrutopica

Das 20h15 às 21h25 · Teatro

The Oh Fuck Moment

O Momento Ai Merda

de Hannah Walker e Chris Thorpe

Das 20h30 às 22h30

Instalação/Performance

Purgatório

de Ana Borrvalho & João Galante

Das 20h30 às 22h · Dança

Le Sacre du Printemps (2013)

de Min Kyoung Lee

e João dos Santos Martins

Das 21h35 às 21h45

(só sábado e domingo) · **Música**

Inseto Xilófago e Bicho Pau (2007)

de João Godinho

Solista da Orchestrutopica

Das 22h30 às 22h50 · Música

Seekers of the Truth (GI Gurdjieff)

(2013) de José Júlio Lopes

Sobre um quadro de Júlio Pomar:

“Fernando Pessoa encontra

D. Sebastião num caixão sobre um

burro ajezado à andaluza” (2013)

de Andreia Pinto-Correia (estrela absoluta) · Solistas da Orchestrutopica

Das 23h às 00h10 · Teatro

The Oh Fuck Moment

O Momento Ai Merda

de Hannah Walker e Chris Thorpe

Das 23h00 às 00h · Teatro

Away Uniform

Equipamento Alternativo

de Tina Satter (Half Straddle)

A partir das 22h · Música

Música escolhida por artistas

e organizadores

Na Cafeteria da Culturgest

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Álvaro Coelho

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Grça Fonseca

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo



Landeshauptstadt
Düsseldorf

Büro für Familie, Kinder,
Jugend, Kultur und Sport
des Landes Nordrhein-Westfalen



materiais diversos